

Estridente Strindberg.
Gisálio Cerqueira Filho
Rio de Janeiro: NPL, 2008, 144 págs.

Poder, obediência e submissão em August Strindberg

292

Ana Paula Barcelos Ribeiro da Silva

“Dos teólogos-legistas da Antiguidade aos manipuladores de propagandas publicitárias, um só e mesmo instrumental dogmático se aperfeiçoou a fim de captar os sujeitos pelo meio infalível que aqui está em questão: a crença de amor”.
Pierre Legendre, 1983, p.7

“(…) uma das condições para elaboração de projetos e estratégias democráticos de controle social e de mobilização política para a construção de uma cidadania ativa (sobretudo em relação à universalidade dos direitos – no sentido subjetivo e não somente positivo do termo) residirá em nossa capacidade de superação do absolutismo, que tem se manifestado, repetitivamente, através das fantasias absolutistas de um controle social (policial-judicial) absoluto”.
Gizlene Neder, 2000, p. 205

“Megalomania, narcisismo, arrogância, autoritarismo absolutista, masoquismo, fixação materna, obsessão, hostilidade, misoginia, mania de perseguição, o parricídio” (Filho, 2008, p. 19) são temas tratados de forma arguta e instigante por Gisálio Cerqueira Filho em seu recente livro *Estridente Strindberg*. Inerentes às relações familiares, estas questões se entrelaçam com relações de poder mais amplas que se constituem em objeto de estudo fundamental para a Ciência Política. Seguindo este caminho na análise das peças do dramaturgo sueco August Strindberg, o autor desafia seus leitores a perceberem o quanto de poder, obediência e submissão há nas concepções de família, casamento e educação no Ocidente.

Professor titular de Sociologia, com Pós-Doc. na Biblioteca Nacional de Lisboa, o cientista político da Universidade Federal Fluminense e orientador de estudos que relacionam poder, subjetividade e ideologia, Gisálio Cerqueira prossegue nesse livro com seu trabalho de pesquisa e análise da ideologia numa perspectiva transdisciplinar que conjuga Ciência Política e Psicanálise. Isto na tentativa de compreender não apenas a imposição do poder, mas suas implicações subjetivas que geram culpa, sofrimento e fragilidade psíquica e afetiva. Em trabalhos anteriores, a ver por *Autoritarismo afetivo: A Prússia como sentimento* (2005) e *Édipo e excesso: reflexões sobre lei e política* (2002), Gisálio já ajustava o foco no autoritarismo absolutista que caracteriza as relações afetivas nas sociedades ocidentais. Mais ainda, propunha, inspirado no jurista francês Pierre Legendre (1983), pensar não apenas o poder, mas o desejo de poder, obediência e submissão que as envolve. Um poder que não apenas se impõe de forma violenta e coercitiva, mas que se faz amado e desejado. Neste sentido, demonstra Gisálio que “os sentimentos de demanda por obediência vem sempre acompanhados pelo sussurro do ‘eu te amo’, do quanto amoroso e amável é o censor do qual se investe o poder, encarnado na figura do pai. Daí porque a vacilação em obedecer, o medo, o temor, a obediência em si, serem tonalidades de uma mesma melodia: o desejo de submissão” (FILHO, 2008, p. 38). Um poder que se apresenta marcado, ao mesmo tempo, por um ideal de perfeição que engessa e limita de modo a que tudo aquilo que fuja a parâmetros previstos, calculados e aceitos se torne vetor de ansiedade, insatisfação, frustração e sofrimento.

Na peça *O Pai – uma tragédia*, de Strindberg, prefaciada por Gisálio Cerqueira e cuja tradução compõe o anexo do seu livro, o capitão Adolf sofre com

a incerteza, lançada por sua mulher Laura, sobre a paternidade de sua filha Bertha. Incerteza que afeta diretamente seu poder sobre ela, o controle que “por direito” exerce sobre a educação da menina. À mãe caberia aceitar as decisões do pai sobre os rumos a serem conferidos à vida da filha. Cabe-lhe apenas obedecer e submeter-se, o que Laura se recusa a fazer quando Adolf decide enviar Bertha para estudar na cidade. Daí questionar o “direito de poder paterno” de Adolf, já que somente se poderia ter certeza quanto à maternidade de uma criança, nunca quanto à paternidade. Dúvida hoje facilmente desfeita a partir de um exame de DNA, mas cujo debate permanece extremamente atual diante de muitos brasileiros que ainda vivem e morrem sem jamais conhecer sequer o nome de seus pais ou tendo-o somente como um registro formal na documentação. Atormentado pela dúvida, Adolf tenta matar a filha, é preso numa camisa de força e, em seguida, morre diante da mulher que, abraçando Bertha, exclama “Minha filha, minha própria filha!” (Strindberg, apud Cerqueira Filho, 2008, p.113).

Dona deste poder único da certeza sobre a vida que gerou, a mulher possuiria um “poder diabólico” (ibid, p. 71), traiçoeiro que a torna capaz de conseguir o que quer, burlando as exigências de obediência e submissão que lhe são impostas. Através de um desejo de controle absoluto sobre o outro, o Capitão demonstra todo o seu absolutismo afetivo nas relações com as mulheres que o cercam e na ânsia de poder sobre sua filha. Na interpretação da peça, Gisálio Cerqueira Filho mostra como essas exigências de perfeição, controle e poder absolutos, obediência e submissão se inscrevem numa visão de mundo fortemente tomista, ou seja, pautada no pensamento de São Tomás de Aquino, com inspiração “na máxima *perinde ac cadaver* (obediente como um cadáver), lema de Inácio de Loyola e dos jesuítas da Companhia de Jesus, por ele fundada” (Cerqueira Filho, 2008, p. 38). O Capitão Adolf de Strindberg se recusa a acreditar em quaisquer preceitos religiosos e abstratos, mas não está imune aos efeitos que o tomismo cravado na ideologia ocidental possui em suas relações familiares, marcando-as por um forte absolutismo afetivo. Gisálio Cerqueira demonstra, simultaneamente, que esse absolutismo afetivo resulta em uma imagem do pai forte, onipresente, autoritário, que gera problemas na constituição psíquica do sujeito. Não obstante, este prejudicial excesso de presença do pai apresenta as mesmas conseqüências que sua ausência absoluta. Assim, tanto a falta quanto a ausência do pai prejudicam a formação da identidade dos indivíduos, em razão do excesso de limites e regras ou de seu total desconhecimento.

Partindo da obra de Strindberg a fim de pensar as relações entre ideologia, poder, autoridade e responsabilidade parental do Estado, Gisálio também promove a conjugação entre Ciência Política, Psicanálise e manifestações estéticas. Aspecto que caracteriza sua forma de análise da realidade social, isto confere ao seu trabalho um olhar múltiplo e polifônico. Olhar este que longe de se pautar apenas na razão, envolve os sentidos, a emoção, a dor, o prazer, o medo e as expectativas de

poder e controle; que envolve o sofrimento humano e suas conseqüências para a formação da subjetividade. Numa sociedade heterogênea como a brasileira, marcada por características de exclusão – a miscigenação e o passado colonial, por exemplo – que geram nos indivíduos frustrações diante da busca, muitas vezes vã, de reconhecimento e legitimidade diante do outro e de conquista de ascensão social e poder, torna-se essencial pensar a política e a ideologia atreladas à subjetividade, ao sentimento e ao sofrimento. Através da arte (teatro, literatura, artes plásticas, música,...) é como se puséssemos a nós mesmos em perspectiva, como se nos olhássemos representados numa esfera fora da realidade, mas que nela se insere profundamente; vemos no âmbito da ficção nossas experiências cotidianas e os códigos que compõem nossas relações sociais e familiares.

O Pai, de Strindberg, escrita em 1887, se inscreve ainda nos ecos da passagem à modernidade em uma Europa que vivia os sinais da crise da sociedade liberal, o que leva à opção por alternativas que freqüentemente acentuam o autoritarismo e limitam a tolerância. Carl Schorske (1990) mostra como surgiu, na Viena do fim do século XIX, uma cultura política caracterizada por um tom bem mais agudo e baseado mais nos sentimentos do que na razão liberal. Em crise, esta não mais respondia às exigências da modernidade e se demonstrava incapaz de atender aos anseios de classes sociais em ascensão. Surge aqui uma crítica contra a razão e a lei que se manifesta de formas distintas, mas com um traço contextual comum. Aqui Freud desenvolve a psicanálise, fugindo ao reinado do historicismo e abrindo margem para o indivíduo e a subjetividade. Não obstante, por outra via, também se acentua o autoritarismo manifestado no anti-semitismo e no sionismo e que caracterizam a ideologia e a ação política. O próprio título do trabalho de Gisálio Cerqueira nos remete a este tom mais agudo da modernidade que traz à tona os sentimentos, marcadamente a dor, o sofrimento e a dúvida.

Afinal, a dúvida do Capitão quanto à paternidade de Bertha não deixa de ser a representação da dúvida de uma geração que, ainda mergulhada em valores tradicionais, depara-se com um processo de construção da modernidade que apresenta novos elementos e novos problemas. Lembremos ainda que Adolf, obcecado pela razão e pelo poder, enlouquece e morre. Ideologicamente absolutista e frágil fisicamente. Tal parece ser seu retrato, a partir do qual podemos quiçá identificar a insuficiência imunológica psíquica referida por Gisálio com inspiração em Manoel Tosta Berlinck (2000). Sintomas físicos da vulnerabilidade psíquica. A crítica de uma geração à primazia da razão se faz aqui notável. O tom estridente de Strindberg, que Gisálio define como “recordar-se de um certo jeito e falar sem parar, desde este ângulo, de modo insistente, repetido, incessante” (Cerqueira Filho, 2008, p. 16), seria uma representação deste contexto e dos novos códigos que se apresentavam e que impunham o olhar sobre a subjetividade. O tom da política, das artes e da cultura torna-se, então, cada vez mais agudo e estridente; tanto que não se pode deixar

de ouvir. Assim, podemos dizer que o texto de Gisálio, em *Estridente Strindberg*, convida-nos a ouvir o que o dramaturgo sueco nos tem a dizer de mais vibrante, sonoro, gerando um estrondo que chama a atenção e incomoda, já que mexe com nossa suposta estabilidade, nossa discrição e nosso equilíbrio. Daí um texto de crítica potente e denso, sem deixar de ser sonoro e envolvente.

A opção pela ênfase na estética, no caso do livro manifestada através do teatro, reflete a preocupação do autor em dar voz às artes e, por meio de sua interpretação, elaborar um olhar transdisciplinar sobre as relações de poder, como já buscamos demonstrar. Neste sentido, o livro é estruturado em duas partes principais: a princípio, um artigo com o título do livro *Estridente Strindberg* e, em seguida, um anexo composto pelo prefácio de Gisálio Cerqueira à peça *O Pai – uma tragédia*, e pela reprodução da própria peça traduzida por Luiz Fabiano de Oliveira Freitas sob a orientação e a revisão técnica do próprio prefaciador. Cabe destacar ainda que o ensaio é publicado em versão bilíngüe português/alemão, com exceção da peça de Strindberg que se encontra apenas em português. O que se deve, num âmbito pessoal e subjetivo, à ascendência alemã da neta a quem dedica o trabalho, segundo foi declarado pelo próprio autor no lançamento de *Estridente Strindberg*. A publicação vincula-se à Coleção Brasileira “O direito achado na violência”.

O ensaio de autoria de Gisálio Cerqueira Filho sugere, em suma, um debate que transponha barreiras disciplinares, favoreça a criatividade e apresente, em especial ao campo jurídico no Brasil, um olhar mais flexível sobre a realidade social. Ao apontar o absolutismo presente não apenas no âmbito da política, mas também dos afetos, ele atinge as relações sociais e familiares mais íntimas que não raramente consideramos perfeitas e impenetráveis. Discussão inspirada em um dramaturgo sueco, mas central para a compreensão da sociedade brasileira no início do século XXI quando filhos deixam de conhecer seus pais, pais matam filhos e filhos matam pais num trágico drama que envolve as relações de poder em esferas tanto macro quanto micro. Parece ainda bastante atual a fala de Laura ao marido Adolf na peça *O Pai*, de Strindberg (apud Cerqueira Filho, 2008, p.88): “O poder sim. Todo esse combate de vida e de morte foi causado por alguma coisa que não o poder?”

Referências

- BERLINCK, Manoel Tosta. *Psicopatologia Fundamental*. São Paulo: Escuta, 2000.
- CERQUEIRA FILHO, Gisálio. *Estridente Strindberg*. Rio de Janeiro: NPL, 2008.
- _____. *Autoritarismo afetivo. A Prússia como sentimento*. São Paulo: Escuta, 2005.
- _____. *Édipo e excesso: reflexões sobre lei e política*. Porto Alegre: Sergio Antonio Fabris Editor, 2002.

LEGENBRE, Pierre. *O amor do censor: ensaio sobre a ordem dogmática*. Rio de Janeiro: Forense Universitária/Colégio Freudiano, 1983.

Neder, Gizlene. *Illuminismo Jurídico-Penal Luso-Brasileiro: obediência e submissão*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 2000.

SCHORSKE, Carl. Política em um novo tom: um trio austríaco. In: *Viena Fin-de-Siècle – política e cultura*. São Paulo: Companhia da Letras, 1990.

ANA PAULA BARCELOS RIBEIRO DA SILVA

Mestre e doutoranda em História Social pela Universidade Federal Fluminense – UFF.

Rua São Carlos, 44

20250-054 Rio de Janeiro, RJ, Brasil

e-mail: anapaulabarcelos@gmail.com